

A (re)apresentação de si nos blogues dos luso-descendentes de França

Manuel Antunes da Cunha

Institut Français de Presse / Université Panthéon-Assas (Paris II)¹⁸

Resumo

No âmbito de um projecto de investigação sobre os públicos da diáspora, analisámos o(s) discurso(s) produzido(s) pelos blogues bilingues da autoria de luso-descendentes residentes em França. Uma das intuições subjacentes ao nosso trabalho consiste em abordar as questões da identidade - “neste caso concreto, a relação dos indivíduos da segunda geração com a cultura das suas origens” - a partir da sua experiência com os *media*.

No nosso entender, exprimir-se através de espaços de auto-publicação na Internet equivale a tomar posição no mundo das representações sociais, a identificar-se com certos colectivos (públicos) em detrimento de outros. À sua maneira, cada um destes blogues esboça um discurso sobre a portugalidade, um território de comunicação, uma visão do mundo modelada por estratégias de (re)apresentação de si (E. Goffman). Procurámos assim contextualizar estes discursos no âmbito das questões mais gerais da reconfiguração do imaginário nacional pós-25 de Abril, da afirmação colectiva dos emigrantes portugueses no país de residência e das estratégias identitárias dos luso-descendentes.

Em termos metodológicos, o nosso estudo baseia-se na análise de 20 blogues bilingues e em entrevistas semi-directivas com uma dezena de luso-descendentes autores e/ou frequentadores destes espaços.

No âmbito dum projecto de investigação sobre os públicos da diáspora, analisámos o(s) discurso(s) produzido(s) pelos blogues bilingues da autoria de luso-descendentes residentes em França. Uma das intuições subjacentes ao nosso trabalho consiste em abordar as questões da identidade – neste caso concreto, a relação dos indivíduos da segunda geração com a cultura das suas origens – a partir da sua experiência no âmbito dos *media*. No nosso entender, exprimir-se através de espaços de autopublicação na Internet equivale a tomar posição no mundo das representações sociais, a identificar-se com certos colectivos (públicos) em detrimento de outros. À sua maneira, cada um destes blogues esboça um discurso sobre a portugalidade, um território de comunicação, uma visão do mundo modelada por estratégias de (re)apresentação de si (E. Goffman).

¹⁸ Pesquisa financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Fundo Social Europeu (III Quadro Comunitário de Apoio), no âmbito dum pós-doutoramento.

1. Diáspora e identidade: do estigma às estratégias colectivas

O conceito de identidade, indissociável do de alteridade, está intimamente ligado aos mecanismos de identificação e de diferenciação, aquilo a que Erving Goffman apelida de estratégias de apresentação de si na vida quotidiana (Goffman, 1973). Quem sou eu aos olhos dos outros? A questão coloca-se constantemente. Numa perspectiva *interaccionista simbólica*, os contornos de cada face a face entre dois ou mais indivíduos só podem ser entendidos à luz do historial e das representações dos grupos de pertença respectivos. Assim sendo, a acção do sujeito enquanto actor social define-se a partir duma série de parâmetros (discursos, gestos, olhares, posicionamentos, rotinas), nem sempre assumidos de forma consciente, que têm em vista produzir e/ou consolidar uma imagem de si, insuflando um determinado sentido à interacção. Todavia, nem sempre a representação de nós mesmos que pretendemos difundir é acolhida de forma consensual. Pode dar-se o caso de haver uma *ruptura de representação* (Goffman, 1973), algo que venha suscitar algumas reticências ou até mesmo desacreditar por completo essa mesma projecção junto de certos interlocutores. Estamos perante um fenómeno de *estigmatização*. Não obstante o defina como um atributo que tira todo crédito à pessoa, Goffman ressalva que o *estigma* não é um atributo propriamente dito, uma vez que só se materializa no âmbito da relação com outrem (Goffman, 1975, 13). Desautorizados pelo *estigma*, todos os outros predicados são privados da sua eficácia simbólica, acabando o sujeito por *perder a face* (Goffman, 1974).

Esse processo é ilustrado pelo sociólogo Albertino Gonçalves, no âmbito dum estudo relativo ao(s) olhar(es) da população portuguesa residente no território nacional sobre os seus compatriotas da diáspora (Gonçalves, 1996). Embora os juízos de valor variem de acordo com a estratificação sociocultural – os diplomados apresentam um discurso bem mais crítico do que operários e comerciantes¹⁹ – a categoria “emigrante” evoca, na maioria dos casos, uma conotação negativa. A inconsistência deste estatuto deve-se ao facto de que um conjunto de práticas e predicados, apresentados no espaço público nacional como símbolo de ascensão social, é convertido pelos residentes em *estigma*. Não raro, atributos como as práticas culturais, a educação dos filhos, a relação com o dinheiro, o uso de idiomas estrangeiros, o automóvel ou a casa tornam-se contraproducentes. Todavia, este olhar caustico tem essencialmente em linha de mira a

¹⁹ De acordo com o sociólogo da Universidade do Minho, a severidade dos juízos teria sobretudo origem na associação entre distância social e proximidade física e não em variáveis como a idade ou o sexo.

diáspora económica, ou seja, os membros das classes média-baixa que partiram em busca de melhores condições de vida. Dum modo geral, os Portugueses que se destacam além-fronteiras nas áreas da cultura, economia, desporto ou política não são rotulados como meros *emigrantes*, mas como *emigrantes de sucesso*, o epíteto conferindo ao termo uma outra tonalidade. Destarte, sugere-se a presença criativa da nação desterritorializada nos quatro cantos do planeta, a afirmação dum *modo português de estar no mundo* na senda dos escritos luso-tropicalistas de G. Freyre (Castelo, 1999).

Um estudo recente sobre a *RTP Internacional* descreve o modo como a nação é apresentada às *comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo*. Em suma, sobressaem as alusões a uma identidade moderna e pluricontinental, enraizada numa história e numa cultura seculares (Antunes da Cunha, 2009). Estrutura enunciativa complexa, o canal internacional emerge como um espaço de dramatização no qual se esboçam os contornos da quintessência lusitana essencialmente em torno duma herança etnocultural e duma epopeia planetária. Neste contexto, as imagens da dispersão, da fidelidade às origens, do trabalho e do sucesso constituem os alicerces sobre os quais repousam grande parte dos discursos relativos aos Portugueses da diáspora. Esta representação – que elide quase sempre os eventuais atritos entre os que ficaram e os que partiram – estende-se aos outros meios de comunicação social, tenham eles audiências domésticas ou transnacionais. Mais ou menos conscientes desses discursos veiculados no espaço público, os emigrantes e seus descendentes adoptam posturas diferenciadas, de acordo com os seus percursos de vida, o estatuto social, o sexo, a geração, mas também os interlocutores.

A propósito dum mesmo assunto, um indivíduo pode, em ocasiões diferentes, assumir uma atitude militante, exhibir uma certa indiferença ou até mesmo fazer alarde de cinismo. O conceito goffmaniano de *footing* chama a atenção para essa latitude de comportamentos, para a possibilidade de um ajustamento do registo do discurso em função do contexto de interacção (Goffman, 1979; Eliasoph, 2005)²⁰. Assim se explica, por exemplo, que os Portugueses instalados no burguês décimo sexto bairro de Paris adoptem *estratégias de invisibilidade*, ao invés dos seus compatriotas das cidades mais populares de Villiers-sur-Marne e Champigny. Embora apenas separados por vinte

²⁰ Próximo de *framing*, o termo *footing* dá a ideia de posição e de pressuposto. Chama a atenção para o facto de que, em qualquer interacção, cada indivíduo partilha um certo número de pressupostos *daquilo a que se destina o discurso* numa dada situação. Trata-se duma compreensão implícita da situação.

quilómetros, os primeiros confinam a cultura de origem à esfera doméstica enquanto que os segundos não se coíbem de exporem as suas raízes à vista de todos, quer seja no tecido económico, no âmbito associativo ou dos lazeres (Leandro, 1995). A assunção de posicionamentos distintos no espaço social, em função da teia das relações entre os actores, remete para a problemática da constituição do(s) público(s), entendido este como «uma comunidade de indivíduos em interacção em torno dum mesmo objecto, dotado de reflexividade e duma capacidade de apresentação de si» (Antunes da Cunha, 2009). Ressalve-se porém que o silêncio ou a discrição também podem ser – embora não forçosamente – uma forma de apresentação de si. Enquanto certos autores interpretam a proverbial *invisibilidade* dos Portugueses como prova incontestável do sucesso do modelo francês de integração (Tribalat, 1995), outros há que descrevem um verdadeiro subespaço público lusófono profundamente marcado pelas origens (Cordeiro, 1999) ou ainda uma estratégia comunitária destinada a favorecer um acolhimento afável (Hily & Oriol, 1993). No que diz respeito às práticas socioculturais e à sua transmissão, ao manuseamento da memória e outras questões relativas à identidade, não se pode falar no singular *da* emigração, *da* comunidade, ou mesmo *duma* primeira ou *duma* segunda geração, como se de blocos homogêneos se tratassem.

2. Os descendentes e a *bilateralidade das afiliações*

No processo de configuração identitária dos descendentes de emigrantes, a (auto e hetero) denominação reveste uma particular relevância. De facto, não tem a mesma conotação ser chamado e/ou proclamar-se *filho de emigrante* ou *descendente de Portugueses*, membro da *segunda geração* ou da *comunidade portuguesa, luso-francês* ou *luso-descendente*. Cada uma destas expressões deixa transparecer um *parti pris* ideológico que aproxima ou distancia o sujeito de cada uma das referências nacionais em torno das quais se modelam histórias individuais e colectivas.

Dum modo geral, os descendentes daqueles que emigraram para França «não vivem entre duas culturas, mas aprenderam a viver com duas culturas, recorrendo ora mais a uma, ora mais a outra, em função das circunstâncias» (Leandro, 1995: 217). Ao invés da primeira geração, a sua cultura de origem já não é portuguesa, mas híbrida, associando elementos de parte e doutra. Assim, no período charneira da adolescência, certos indivíduos assumem sem complexos um nome próprio bem português, enquanto

outros preferem afrancesar a sua grafia (Carlos/Charles; Patrício/Patrick) de modo a aliviar o peso étnico do apelido²¹. Estas estratégias diversificadas fazem sentido num contexto de dupla desvalorização das origens sociais e do estatuto migratório dos pais. Cada percurso é feito de transmissão e transgressão, de memória e abertura. «Falar de memória em contexto migratório, é falar de continuidade numa situação de dupla ruptura social e cultural, mas também de esquecimento e de reinvenção em contexto de intercâmbios inter-geracionais e interculturais» (Dos Santos, 2007: 66).

Quais são então os discursos e as práticas dos jovens de origem portuguesa em França, em termos de sentimento de pertença e de identidade? Uma pesquisa levada a cabo há duas décadas junto de luso-descendentes, com idades compreendidas entre 18 e 21 anos, concluía que a «bilateralidade das afiliações» era, de longe, a opção mais frequente (Oriol, 1988). A partir duma escala destinada a aferir os recursos simbólicos mobilizados, concluía-se que 10 % se definia exclusivamente como Português pelo facto de pertencer a uma *comunidade linguística e económica*, enquanto 20 % recusava qualquer ligação com o país e a cultura das origens, situando-se numa *classe independente*. Assim sendo, três quartos dos inquiridos localizavam-se algures entre os dois pólos, numa zona dividida em três grandes áreas contíguas: *comunidade endogâmica*, *comunidade cívica e pertença indeterminada*. Ou seja, por ordem decrescente, quando se abdica de falar em português, ainda se pode preservar o desejo de se casar entre Portugueses, embora expressando-se em francês com membros da segunda geração. Caso essa prática seja abandonada, então pode conservar-se um certo interesse pelas raízes que não implique a formulação de um projecto de vida preciso, mas que pode todavia traduzir-se numa resposta de carácter identitário (profissional, cultural, de solidariedade...) caso surja uma oportunidade. Um número considerável de jovens reivindicava aquilo a que o autor definiu como uma «identidade indeterminada», isto é, um interesse difuso por todo aquilo que possa estar relacionado com Portugal e com todos aqueles que dele são oriundos.

De facto, o estudo de caso dos descendentes de Portugueses revela como processos de desconstrução de fronteiras simbólicas podem coexistir com mecanismos de persistência das pertenças (Carvalho, 2008: 198). Acumulando um ténue interesse

²¹ Todavia, desde os anos 70, desenha-se uma tendência que consiste em escolher nomes comuns ou próximos dos dois idiomas: C(h)ristina(e), David, F(Ph)ilip(p)e, Isabel(le). Hoje, nos contextos mais populares, estão em voga nomes anglo-saxónicos: Dylan, Jordan, Kelly, Kevin, Ryan, William.

pelos meios de comunicação social portugueses e uma invisibilidade colectiva nos *media mainstream* do país de residência, os chamados *lusu-descendentes* articulam lógicas distintas de filiação, em função do percurso sociocultural. Como observa o autor, a diversidade de situações traduz-se em posicionamentos por vezes paradoxais. «Torna-se possível, por exemplo, que auto-identificações polarizadas na francidade sejam compatíveis com a endogamia dentro da *comunidade*. Assim como produz situações de *nacionalismo* português sem a língua portuguesa. Ou, pelo contrário, leva ao cultivo da língua em paralelo com a rejeição de atitudes *nacionalistas*» (Carvalho, 2008: 199). Ressalvando não se tratar de blocos estanques, distingue três macro-tendências associadas a outros tantos perfis identitários: *subjectividade do grupo minoritário* (portugalidade), *pluralização identitária* (conjugação) e *assimilação subjectiva na nação* (francidade) (Carvalho, 2008: 199).

No nosso estudo relativo à recepção da RTPi, também identificámos três tipos de jovens públicos de origem portuguesa (*segunda geração, luso-descendentes e portugueses*). Os primeiros reivindicam uma dupla pertença, embora se sintam muito mais próximos do país onde nasceram e constroem o seu projecto de vida. A sua relação com Portugal é ambígua, delimitada por um certo distanciamento e incompreensão, mas também por uma utilização selectiva das raízes em função do contexto. Os segundos identificam-se muito mais com a filiação étnica transmitida pelo conceito *lusu-descendente*, sendo as suas práticas culturais marcadas pela cultura popular transmitida no âmbito familiar. O último grupo reclama-se dum versão erudita da portugalidade, insistindo na demarcação com o universo simbólico constituído em torno da cultura e das representações associadas ao estatuto de *emigrante* (Antunes da Cunha, 2009). Cada um destes territórios de pertença tem a ver não só com o contexto sociocultural de origem, mas também com as especificidades próprias aos diversos itinerários de vida.

No âmbito dum nova pesquisa, procedemos à análise discursiva de 20 blogues bilingues redigidos por descendentes de Portugueses de ambos os sexos, tendo ainda entrevistado uma dezena de autores desses espaços de autopublicação. Trata-se dum estudo de caso que, de modo nenhum, esgota a pluralidade dos discursos e estratégias de *(re)apresentação de si* dos chamados *lusu-descendentes* no espaço público francês.

3. Skyrock blog: (re)encontrar os seus; mostrar-se aos outros

Inaugurada em Dezembro de 2002 pela estação de rádio homónima, a plataforma *Skyrock Blog* constitui uma das maiores redes sociais de língua francesa, sendo essencialmente frequentada por adolescentes e jovens²². Além da personalização do perfil, é facultada a cada utilizador a possibilidade de criar gratuitamente um blogue, editar textos, fotos e vídeos, partilhar comentários e constituir uma rede de amigos. Tais espaços de autopublicação promovem o desejo de realização pessoal, a exacerbação duma faceta da personalidade e a reconfiguração do *eu* para consumo externo (Recuero, 2003: 9). Não se tratam de jornais íntimos – escritos para si e que passam sob silêncio uma série de informações contextuais – mas duma forma de *(re)apresentação de si* baseada na interactividade. Poderíamos chamar-lhes blogues *extimos* (Rouquette, 2008). Neste território específico da blogosfera, é de salientar a linguagem de tipo SMS, a escassez de artigos e a procura de popularidade – mensurável pelo número de comentários e de acessos – no seio duma comunidade de pertença.

Uma primeira análise aos blogues de autores de origem portuguesa deixa transparecer uma profusão de alusões à simbologia lusa, à valorização das raízes (familiares e étnicas) e à dimensão comunitária (círculo de amigos e diáspora). A demarcação territorial começa pela escolha do pseudónimo: *Amo-te-Portugal80*, *Benfiquista69058*, *Cristiano-7-Ronaldo*, *Fashiion-portugues*, *Foreverportugal27*, *K-RAI-OFFICIEL*, *Lagushdu65*, *Latoss95*, *Lora-portugaise*, *Loveportugalove*, *Lusitano91VIP*, *Lusitana-Paixão*, *Mafiatoss94*, *Meninaportuguesa*, *Nosso-País*, *Oo-so-gush-oo*, *P-O-R-T-O-S-91*, *Portugal331*, *Portugalsaudade4*, *Portuguesa-75*, *S3XII-TUGA-STAR*, *Tugashinha-de-Fafe*, *Porto94510*, *Xx-Fashion-Tugaa*, *Zazoulaptitetoss...* Esta autodenominação assente, quer no recurso à língua e a referências ao país das origens, quer na reapropriação de termos com conotações originariamente pejorativas no espaço público francês (*gush*, *karai*, *portos*, *tos*)²³, expressa um sentimento de *orgulho* étnico. Aliás, o uso do vocábulo (*fier*té) constitui uma das recorrências lexicais desta rede de sociabilidade virtual: «Portugais et fier de l'être»; «Graças a Deus, sou portuguesa»; «Sou filha de emigrante portugueses»; «La plus belle chose que mes parents ont pu m'offrir, ce sont mes origines». Mas o procedimento não é novo...

²² A 7 de Março de 2009, a plataforma albergava 23 milhões de blogues (uma parte dos quais deixados ao abandono), 637,6 milhões de artigos e 3,4 milhares de comentários. De acordo com Alexa Internet, é o segundo site francês mais visitado e o décimo sétimo a nível mundial.

²³ “Gush” deriva de portu(*guês*) e “Karai” do termo indecoroso homófono. Port(h)os e T(h)os eram sobretudo usados em expressões injuriosas (*sale tos*). Os números dos pseudónimos correspondem, o mais das vezes, aos códigos postais das áreas de residência.

No início dos anos 80, um movimento de contestação inédito liderado por jovens *oriundos* da emigração magrebina abanou a sociedade francesa. Embora se associem a uma série de acções em prol da luta contra as discriminações, os Portugueses não conseguem então impor a sua imagem de marca. «Contrariamente aos jovens de origem magrebina, que parecem sofrer dum excesso de visibilidade, os jovens de origem portuguesa há vinte anos que se queixam da sua invisibilidade. Mas não é por terem ficado de braços cruzados. Sempre procuraram afirmar-se, tanto na esfera política francesa como portuguesa» (Pingault, 2004: 71). De facto, essa primeira leva de filhos de emigrantes lusos – muito dos quais experimentaram o *salto* e/ou as condições de vida nos bairros de lata – tentou emancipar-se ou, pelo menos, renovar a imagem um tanto ou quanto obsoleta dum movimento associativo marcadamente tradicionalista e à margem das grandes questões de sociedade. A criação do grupo de teatro *Cá e Lá*, da associação *Centopeia* e do *Centre d'Etudes et de Dynamisation de l'Emigration Portugaise* tiveram assumidamente por objectivo de dar uma maior visibilidade e capacidade de intervenção à *comunidade*, conferindo-lhe uma nova imagem. Seguindo o exemplo dos seus homólogos magrebinos (*beurs*), esses jovens viram do avesso o estigma da denominação *T(h)os* convertendo-o em estandarte do grupo de origem no país de acolhimento. Em vão... O movimento dissolve-se progressivamente em meados da década sem surtir os efeitos desejados.

Embora passado um quarto de século utilizem o mesmo termo, os jovens de origem portuguesa do *Skyrock Blog* têm pouco em comum com os seus predecessores. Não reproduzem a mesma estratégia. Sem pretensões de natureza política, estes novos *tos* – uma parte dos quais pertence já à terceira geração – não têm forçosamente a noção do trajecto percorrido pelos pais e avós, nem tampouco foram confrontados com situações de real discriminação. Inscrevem-se antes numa linhagem que lhes permite estruturar a sua própria identidade face a outros colectivos: «Há os *Rital*, os *Rebeus*, os *Renois*. Nós somos *Tos*, *Portos* ou *Guesh*. Somos suficientemente numerosos para merecermos uma alcunha»²⁴ (Stéphanie, 17 anos). Não obstante alguns manifestarem esse desejo, a maioria destes bloguistas não aspira verdadeiramente a uma migração no sentido inverso dos pais. Contudo, não cessam de repetir quanto se sentem orgulhosos por pertencerem tanto à nação como à diáspora portuguesa, mesmo que nem sempre consigam explicar muito bem as razões da sua tomada de posição. «É o meu país... O

²⁴ *Rital* (Italianos), *Rebeus* (Magrebinos) e *Renois* (Africanos).

os seus próprios *Skyblogs*²⁷ – participam incontestavelmente dessa estratégia colectiva baseada na valorização das origens e na emulação face a outras identidades constitutivas do espaço público.

Consoante os indivíduos, o discurso oscila entre o simples orgulho e um nacionalismo mais agressivo, sem que isso seja sintoma dum mal-estar profundo ou dum qualquer sentimento de discriminação. Enquanto actividade social interactiva, a frequência e actualização destes territórios de *(re)apresentação de si* permite integrar uma comunidade afectiva e efectiva em tempos de construção identitária. O número de comentários – ultrapassando muitas vezes a centena por artigo²⁸ – assim como as redes de comunicação tecidas com jovens da mesma origem revelam que o papel desempenhado por este tipo de blogues vai além da simples fidelidade às raízes. «Como todos os meus amigos tinham um blogue, também quis experimentar. É giro trocar comentários. Aqui estão representadas pessoas doutras origens, mas nós mostramos que somos os mais numerosos e que temos orgulho em sermos Portugueses» (Joana, 19 anos). Fazer parte da comunidade lusa do *Skyrock Blog* é identificar-se com um colectivo caracterizado por uma forte dimensão performativa. Para dar visibilidade a essa identidade de grupo, recorre-se muitas vezes ao repertório dos estereótipos sobre a emigração (bacalhau, cerveja, construção civil, férias, folclore, futebol, saudade, etc)²⁹.

« Les		10			Commandements	
1... Sagres		tu		boiras		!
2... Bacalhau		tu		mangeras		!
3... Le	Maillot		tu	soutiendras		!
4... Caralho		tu		diras		!
5...	Marque	VIP	tu	porteras		!
6... Supporteur	du	sporting,	<i>Benfica</i>	ou	porto	tu seras
7...Au	Portugal		tu		iras	!
8... Rancho	tu	danseras		et	chanteras	!
9...	Maçons		tu		deviendras	!
10... Orgulhoso	de ser Portugues tu crieras !»					

são temas recorrentes. As letras, quase sempre de cunho marcadamente nacionalista (bandeira, selecção, ruralidade, emigração), fazem também referência à violência urbana (máfia, armas, racismo).

²⁶ Criada por um luso-descendente em 2004, a VIP comercializa peças de vestuário com slogans (*Adepto oficial, Liberdade 74, VIP*) e/ou símbolos alusivos a Portugal (cravo, castelo, til, igreja, escudo, galo).

²⁷ A 20 de Março de 2009, o blogue La Harissa contabilizava 12 242 amigos, 376 969 visitas, 5 701 comentários e 20 artigos e o da VIP registava 10 412 amigos, 69 833 visitas, 72 comentários e 32 artigos.

²⁸ A comunidade do *Skyrock Blog* funciona muito em termos de popularidade, cada bloguista procurando angariar o maior número possível de comentários.

²⁹ Por razões metodológicas, optámos por reproduzir os textos *ipsis verbis*.

(Blogue *Lusitana Paixão*)

«Mais pourquoi les portugais sont-ils si fiers de leur pays? »

Porque que l'on vis loin de nos parents donc loin de nos cœurs
Porque que l'on est tous issus de familles nombreuses
Porque que nos parents font parti d'une communauté qui a réussi

Porque que notre équipe nationale nous fait pleurer

Porque qu'on est un peuple de beaux gosses

Porque que nous on a la révolution de 1974 dans le cœur

Porque que le Portugal c'est magnifique . . . »

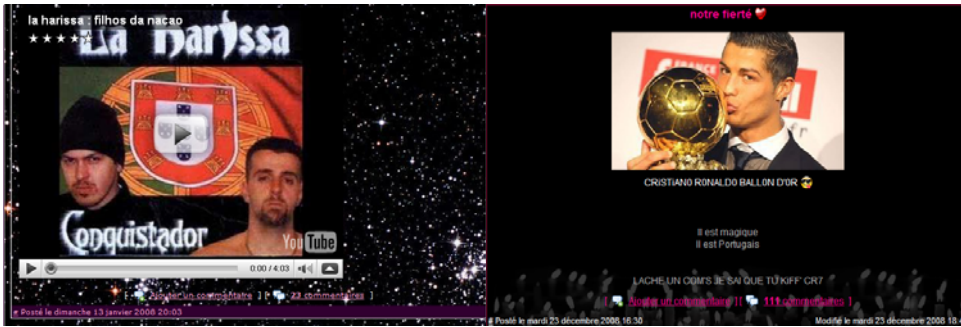
(Blogue *so2portugaiz*)



O culto da saudade



Pugnar pela visibilidade



Á sombra dos ídolos



Uma rede de sociabilidade

4. Blogues culturais: memória, divulgação e introspecção

Deambulando pela blogosfera, deparamo-nos com outros espaços cujo conteúdo e aspecto gráfico se demarcam substancialmente daqueles sobre os quais acabámos de nos debruçar. Embora partilhem o culto das raízes, uns e outros lançam mão de léxicos, de temáticas, de estéticas e de posicionamentos que reflectem a diversidade das trajetórias dos seus autores (fase da vida, formação académica, experiências familiares, nível sociocultural). De facto, a intimidade com Portugal exprime-se por meio de práticas culturais distintas. «Antes, tínhamos a RTPi, mas já há sete ou oito anos que instalámos a TV Cabo. Já segui a *Floribella*, os *Morangos com Açúcar* e a novela *Vingança*. Agora, vejo a *Rebelde Way*, na SIC», conta-nos Sara, bloguista de 18 anos na

Skyrock. Não é propriamente a mesma portugalidade que plebiscitam outros inquiridos com carreiras profissionais bem encetadas.

No início dos anos 90, uma segunda geração maioritariamente nascida em França começou a trilhar caminhos de mobilidade social ascendente após a obtenção de cursos superiores. Nessa época, a classe política portuguesa já se tinha reapropriado o termo *luso-descendente* para materializar o discurso de uma nação desterritorializada que estende as suas ramificações até às *comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo* (Fieldman-Bianco, 1995; Antunes da Cunha, 2009). A noção de lusodescendência enraíza o sujeito numa epopeia colectiva onde se esbatem as especificidades de cada um, as marcas inerentes à experiência migratória e a disparidade dos laços que unem ao país das origens. Embora a aceção oficial acentue reminiscências imperiais, para os jovens a residirem em França o conceito permite uma dupla inscrição territorial, social e cultural, mais em conformidade com a sua trajectória (Dos Santos, 2002). Criada em 1991, a associação *Cap Magellan* tem-se assumido como o rosto mais visível da segunda geração, sendo um interlocutor privilegiado das autoridades dos dois países. Não podemos, no entanto, esquecer que o estatuto de luso-descendente é sobretudo reivindicado por uma franja diplomada para quem as raízes constituem um trunfo para a afirmação pessoal e profissional num sistema socioeconómico globalizado. Nesse contexto, dizer-se luso-descendente promove uma imagem valorizada de si – despida dos estereótipos da (i)emigração – e permite situar-se na vanguarda dum processo de perpetuação e renovação da identidade cultural lusófona. Embora nem todos se revejam no termo – que parte dos inquiridos do *Skyrock blog* nem sequer conhece –, um certo número de bloguistas gravitam à volta desse universo luso-descendente que, por sua vez, se subdivide em diversas correntes (Da Silva, 2003).

Em número muito mais reduzido, os blogues de índole cultural constituem igualmente um estudo de caso interessante. Com formação universitária e uma média de idade em torno dos 35 anos, os seus autores ora partilham memórias e reflexões pessoais, ora divulgam a gastronomia, tradições, história, literatura, cinema, música, pintura, fotografia e outras manifestações através das quais se exprime uma portugalidade mais erudita. De Lobo Antunes a Paula Rego, de Manoel de Oliveira a Mariza, das chegas de boi à receita da aletria, de Mia Couto à Bossa Nova um outro rosto da cultura lusófona ganha forma. Não se trata tanto dum Portugal das férias, das praias e da música popular, mas da terra dos antepassados, da ruralidade e das tradições.

Não se trata tanto de competir com outras origens, mas de contribuir ao diálogo intercultural. Não se trata tanto de granjear popularidade, mas de tecer laços de cumplicidade com um círculo mais restrito de leitores. Não se trata tanto de definir um sentimento de pertença, mas de reflectir sobre as origens e as influências nas quais a nossa existência encontra sentido. «Tudo começou aquando duma viagem a Portugal. Foi uma estadia muita curta. A minha mãe festejava 60 anos e passei cinco dias com os meus pais. Cinco dias magníficos na aldeia. Comecei a tirar fotografias. Instantâneos... Dei-me conta que tinha tanto a dizer. Foi assim que nasceu o blogue» (Isabel, 40 anos).

Texte et dessin de Maria Yvonne Frutuoso

Bou de bacanças !!



La bamos nos hoje a noite ! O carro ja sta pronto, carregadinho ! Ta nobinho !! Comprado este ano. O meu home até lhe poz bužina noba, assim quando a gente chegar a terra pomos o carro a apitar ! Aquilo é que bai ser de rire ! Aj tou tao contente jasus ! Ocha la que a biajem corra bem, ha tantos mauquinhos na strada, sobre tudo na spanha ! O meu home quer sair cedo, porque assim xegamos la a noitinha. Ele nao quer peder tempo.

Lebo lhe sempre o termos cheio de café, pra ele nao adormecer no caminho.

De bez em quanto lá paramos numa air de repouso, descança um pouco e toca a andar ! Vamos la o mês dagosto completo, porque é no mês dagosto que bai pra la toda a gente e a familia. E claro, ha a festa da aldeia ! E tao linda, com aqueles andores, a banda de musica, os bailes de atofalante, as liadas de bois... bale apena ! Eu ja disse a Josette para bir passar ums dias conosco, mas eles bao pra cote d'azour fazer os pimpoes. Têm a mania, que é qu' sade fazer ! Bou acabar de arrumar de casa, dar as chabas a minha rampaçante, e bamos a terra !!!!

14/03/2009 dans [Ti Zefa](#) | [Lien permanent](#) |

>> Recette du Bolo Podre



bolo podre - gateau portugais délicieux!!

voir site [HERVE CUISINE](#)

22/02/2009 dans [Gastronomie](#) | [Lien permanent](#) | [Commentaires \(0\)](#) | [TrackBack \(0\)](#)

>> Chega de bois (festa de Gralhas 2007)



18/02/2008 dans [Traditions](#) | [Lien permanent](#) | [Commentaires \(1\)](#) | [TrackBack \(0\)](#)

>> Mundo inteiro

Mariza & Paulo de Carvalho - Mu...



01/02/2009 dans [Musique](#) | [Lien permanent](#) | [Commentaires \(0\)](#) | [TrackBack \(0\)](#)

Excertos do blogue Aldeia de Gralhas – Terra Lusitana

«Ce blog n'est qu'une conséquence. Luso-descendants, Portos, 2^{ème} génération, fils d'immigrés... on est beaucoup, consciemment ou pas, à vouloir mieux connaître/comprendre le pays de nos parents. Visions déformées qui s'enracinent et mythifient des réalités qui ne sont plus, ce qu'on nous dit du Portugal, vu de France, ne donne pas forcément envie. Moi je veux chercher, (faire) connaître et comprendre. Je ne serai peut-être pas beaucoup présent, mais je ne vais pas lâcher l'affaire, en l'occurrence le Portugal. Le chemin sera long, très long. Je suis pas pressé, ça non. A bientôt et encore !»

(Blogue *lusitanies.blogspot.com*, Dezembro de 2008)

«Portugal, minhas origens, raízes, terra dos meus antepassados ... Portugal, mes origines, racines, terre de mes ancêtres... Souvenirs d'une fille d'émigrés portugais, née à Paris en 1969. Ses années 70/80 en images et en musiques, le Portugal de son enfance et de son adolescence, le quotidien d'une jeune lusodescendante, de sa famille, ... Journal d'une époque».

(Blogue *Aldeia de Gralhas – Terra Lusitana*, Julho de 2007)

Redigidos num estilo cuidado, estes espaços apresentam mais conteúdo, evitam de expor a intimidade familiar, dirigem-se igualmente a um leitorado não lusófono, não escamoteiam as críticas sobre a sociedade portuguesa. Relativamente à primeira geração cultiva-se um olhar crítico e terno, à imagem da *Ti Zefa*, personagem da *Aldeia de Gralhas*. Ao sabor dos dias, irrompem imagens já gastas dos anos 70, longas dissertações, traduções de autores lusófonos, efemérides, velhos sucessos da Eurovisão, videoclipes de fados, homenagens aos pioneiros da diáspora, notas sobre exposições, bilhetes de humor, etc... Em suma, procura-se entender melhor e dar a conhecer esse lugar donde os pais partiram um dia. Nestas paragens da blogosfera, cultiva-se a memória dum colectivo secular, a divulgação cultural e a introspecção identitária.

Referências bibliográficas

ANTUNES DA CUNHA M. (2009), «*Le Portugal n'est pas un petit pays.*» *Les Portugais de France face à leur télévision*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.

CARVALHEIRO, J. R. (2008), *Do bidonville ao arrastão*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

CASTELO C. (1999), «*O modo português de estar no mundo.*» *O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Lisboa, Afrontamento.

CORDEIRO A. (1999), «*Les Portugais, une population invisible ?*», DEWITTE P. (dir.), *Immigration et intégration. L'état des savoirs*, Paris, La Découverte, pp. 106-112.

DA SILVA E. C. (2003), «La *saudade* des jeunes et la modernité des vieux : constructions culturelles de la ressemblance et de la différence chez les migrants portugais et luso-descendants de São Paulo», *Recherches en anthropologie au Portugal*, vol. 9, n°1, pp. 47-59.

DOS SANTOS I. (2007), «Continuité et rupture dans la migration: la pratique mémorielle», in NEIVA S. (dir), *Nouvelles perspectives de la recherche française sur la culture portugaise*, Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise Pascal-MSH, pp. 59-66.

DOS SANTOS I. (2002), «Des lusodécendants dans les sociétés française et portugaise : mémoires de la migration et appartenances enchevêtrées», *Revue annuelle du Groupe Anthropologie du Portugal*, n° 8, Paris, pp. 17-38.

FELDMAN-BIANCO B. (1995), «A criação de uma nação (portuguesa) desterritorializada e a transnacionalização de famílias», *Cadernos CERU*, n° 6, série 2, pp. 89-104.

GOFFMAN E. (1979), «Footing», *Semiotica*, n° 25, pp. 1-29.

GOFFMAN E. (1975), *Stigmaté. Les usages sociaux du handicap*, Paris, Minuit.

GOFFMAN E. (1974), *Rites d'interaction*, Paris, Minuit.

GOFFMAN, E. (1973), *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation de soi*, Paris, Minuit.

GONÇALVES A. (1996), *Imagens e clivagens. Os residentes face aos emigrantes*, Porto, Afrontamento.

HILY, M.-A. & ORIOL, M. (1993), «Deuxième génération portugaise: la gestion des ressources identitaires», *Revue Européennes des migrations Internationales*, vol. 9, n°3, pp. 81-93.

LEANDRO, M.-E. (2003), «Les nouvelles "générations sociales" de jeunes Portugais en Allemagne et en France», *Recherches en anthropologie au Portugal*, vol. 9, n°1, pp. 61-77.

LEANDRO M. E. (1995), *Au-delà des apparences. Les Portugais face à l'insertion sociale*, Paris, CIEMI/Harmattan.

ORIOL M. (1988), *Les variations de l'identité: étude de l'évolution de l'identité culturelle des enfants d'immigrés portugais en France et au Portugal*, FES, Nice-Strasbourg.

PINGAULT, J.-B. (2004), «Jeunes issus de l'immigration portugaise: affirmation identitaires dans les espaces politiques nationaux», *Le Mouvement Social*, vol. 4, n° 209, pp. 71-89.

RECUERO R. C. (2003), «Weblogs, webrings e comunidades virtuais», www.bocc.ubi.pt.

ROUQUETTE S. (2008), «Les blogs "extimes": analyse sociologique de l'interactivité des blogs», *Tic & Société*, vol. 2, n°1, pp. 109-134.

TRIBALAT M. (1995), *Faire France. Une enquête sur les immigrés et leurs enfants*, Paris, La Découverte.